

**Uma vida de Trabalho dedicado ao campo: O VAQUEIRO SOURENSE, UM  
CAMPONÊS MARAJOARA**

**ALINE BRAGANÇA VIANA\***

O município de Soure, espaço desse estudo, instalado em 1859, é bastante conhecido do Arquipélago Marajoara. Intitulada “Capital do Marajó”<sup>1</sup>, possui uma população aproximada de 23.000 habitantes, entre população urbana (com maior concentração) e rural (dados do IBGE, ano 2010). Está situado na costa leste, banhado pelo rio Paracauari, na micro-região de Arari e possui uma área de 3.512, 86 km<sup>2</sup>, sendo a maior do arquipélago.



**Figura 01:** Mapa com os 12 municípios da Ilha do Marajó. Se a considerarmos como um arquipélago, serão inseridos mais 04, num total de 16 municípios. À leste a predominância dos campos; a oeste a vegetação de floresta. **Fonte:** site [www.portalmarajo.tur.br](http://www.portalmarajo.tur.br)

Na realização deste trabalho, procurei ser guiada ou seguir principalmente “meu objeto” pesquisado, sem me preocupar com o recorte temporal. O meu tempo estava na memória dos meus depoentes.

Procurei “seguir o conselho” dado pelo professor José Murilo de Carvalho, no que diz respeito ao “rompimento das barreiras cronológicas”, me permitindo um diálogo maior com historiadores e outras ciências, especializados em outros períodos históricos, já que segundo ele “o campesinato é uma temática tão ampla que seu tratamento adequado exige o rompimento de barreiras disciplinares e cronológicas” (CARVALHO,2002:13-14).

### **Um pouco sobre esta formação campesina na região dos campos marajoara**

A historiografia vem desenvolvendo debates acerca das temáticas de campesinato na Ilha do Marajó. Alguns pesquisadores, a exemplo de Eliane Soares e Cleodir Moraes, se deparam com a figura do vaqueiro na leitura de documentos oficiais, tais como códices (documentos encadernados - ofícios, atas, etc.), bem como na Imprensa, sendo levados a

\* Graduada e Mestranda em História pela Universidade Federal do Pará. Bolsista CAPES.

<sup>1</sup> É assim considerada por ter oferecido, no que diz respeito ao turismo, infra-estrutura maior e serviços especializados, como hotéis e restaurantes.

pensar as diferentes nuances deste universo rural. Eliane Soares, por exemplo, defende através de vários elementos, a existência de um campesinato específico na ilha, ou seja, “um camponês que é ao mesmo tempo: vaqueiro, roceiro, pescador, mocambeiro, agregado, sitiante, enfim, cada uma destas faces em cada momento ou simultaneamente” (SOARES, 2002:81).

Foi a partir da divisão da ilha em sesmarias (1725/1823), quando as terras eram cedidas desde que fossem habitadas, concretizando assim o “plano metropolitano” de torná-la lucrativa, houve a fundação de sítios e fazendas quase sempre perto de rios e igarapés. “Passou então a configurar um mundo dominado pelos agregados, vaqueiros e pequenos camponeses” (SOARES, 2002:32). A presença africana também é inserida neste povoamento. Nesse sentido, a autora ainda reforça que:

*o povoamento do Marajó veio expandir a lavoura, organizar a indústria pastoril e a pesca e com ele levou a reboque toda uma vivência e organização dos antigos donos da ilha: os índios, que passaram a ser vaqueiros, lavradores, pescadores, marujos, carpinteiros, calafates, ferreiros, curtidores, alfaiates, enfim deixaram de ser “rudes”, aprenderam um ofício e perderam suas terras. (SOARES,2002:34)*

Cleodir Moraes fala dos “vaqueiros” que são tomados pelo discurso de liberdade em virtude do momento em que passam e diversas vezes são identificados na documentação como “desviantes” (MORAES, 2001) pois se envolvem em roubos, desvios de gado, diversas feiras clandestinas de animais e causaram “medo” às autoridades contemporâneas.

Lopes Soares afirma que no Brasil colonial “o vaqueiro era outra categoria social que desenvolvia relações econômicas, sociais e políticas na ilha” (SOARES, 2002:52). Além dele existia o roceiro, que possui raiz na figura indígena. A existência desses atores sociais, que na verdade foram escravos e índios da ilha, é fundamental. “Os roceiros plantavam os alimentos que abasteciam a ilha e os vaqueiros, obviamente cuidavam e transportavam o gado”. (SOARES, 2002:52)

Comecei a ouvir estórias de pessoas que moram lá há tempos de que “o vaqueiro migra pra cidade”, em geral, por não ter mais vínculo com o que antes era seu patrão e pela busca de melhores condições de vida. Nas fazendas endividavam-se cada vez mais nas chamadas “Cantinas”, espécie de “venda ou taberna” onde todos, vaqueiros ou não, tinham a

necessidade de comprar, já que com o passar do tempo a matalotagem<sup>2</sup> de animais estava cada vez mais rara. Na cidade, em alguns casos, vivem da pesca artesanal.

Em algumas situações este vaqueiro será inserido em uma lógica comercial voltada à pecuária (bovino, bubalino e equino), com fins de exportação. Em outras, torna-se pescador. Há também aqueles que depois de aposentados, já morando em Soure, retornam aos campos para serviços específicos, de extrema confiança e força. É o caso de Seu Erandir Vasconcelos que aos 70 anos, e por conta de seu histórico como excelente vaqueiro, ainda realiza trabalhos de apartação e vacinação das reses.

Na “cidade”, o vaqueiro encontra no transporte e cuidado com o gado, assim como na prática da pesca, a melhor forma de garantir sua autossuficiência, construindo seu espaço de atuação. Segundo D. Amélia Ribeiro, 55 anos e “filha de Soure”, o vaqueiro, que ora torna-se pescador, “é uma personalidade típica e pioneira que cuidou do gado para nossa alimentação. Eles que sustentavam a população no início”.<sup>3</sup>

Sobre a formação camponesa, a perspectiva histórica de Hobsbawm está centrada na tentativa de compreender um mundo de pessoas que, na maioria das vezes estão ocultas, mas que são os protagonistas da História, à medida que, mesmo estando nessa condição, seus feitos tem um alcance excepcional na construção da macro-história. De forma conjunta, suas posturas indicam interesses, projetos, esperanças, assim como, inegavelmente, dão nova forma ao palco da história. O cotidiano desse vaqueiro com a indústria criadora, dentre outras coisas, e sua “inserção na cultura marajoara” são estigmas de um universo de pessoas “comuns”, mas de significado latente para a história local, ou seja, apesar de sob diversos ângulos serem somente meros empregados, suas funções são de extrema importância para a história da pecuária nortista.

Na Ilha, a partir da década de 1980, conta seu Erandir e sua esposa, houveram incentivos (principalmente premiações de cunho financeiro) para que os jovens marajoaras (re)criassem “interesse pela profissão” e desenvolvessem habilidades para lidar com os animais e os demais afazeres. Observa-se cada vez mais a vontade dos filhos dos vaqueiros de morarem na cidade, perdendo continuamente o vínculo com o trabalho no campo e com a profissão. Um exemplo desse tipo de incentivo foi a Prova de Resistência do Cavalo

---

<sup>2</sup> A matalotagem se refere ao ato do fazendeiro mandar matar um animal e distribuir sua carne entre os empregados. Com o tempo, isto se torna cada vez mais raro e os empregados, mesmo que a um valor simbólico, tinham que pagar pela carne que alimentava a si e suas famílias.

<sup>3</sup> Entrevista com Amélia Ribeiro, 55 anos. Soure, fevereiro de 2009.

Marajoara, na qual os primeiros vencedores foram Erandir e Ernane Vasconcelos, representantes da fazenda Tapera.

É válido ressaltar que os “tempos bons”, termo muito utilizado pelos vaqueiros mais velhos, no que diz respeito à movimentação, trabalho e produção por essas terras já apresentava sinais de declínio, haja vista que os próprios vaqueiros não desejavam a sua profissão para o futuro de seus filhos. Seu Milton, 70 anos e ex-vaqueiro da fazenda Camburupy, pertencente à família de Alacid Nunes (outro grande fazendeiro daquelas terras). Em meados da década de 1980, pediu demissão por conta de um “Marajó que não era mais”, e em prol da possibilidade de oferecer melhor educação aos filhos:

*chegô um tempo que via meus filho já grande, mas sem interesse nu istudo. Eu só sei iscreve meu nomi. Num quiria isso pra eles. Fui quando decidi vim me embora. Aqui im Sore tem mais iscola e eles puderu estudá. Os mais velho que num quizeru mais puquê já tinhu sentado nu lombu do cavalo e pegado gosto. Mas a nossa prufissão não tinha mais futuro! Como num sei fazê mais nada, cumprei umas rês, cumecei a junta o lixo da cidade, fazê transporte na carroça, vendê o leite, umas fruta, verdura que a Maria planta... E assim nós vive até hoje. Hoje quase num tem vaquero pela queelas banda. Já penso seu eu tivesse ficado? (Entrevista com Milton da Silva, 70 anos. Soure, agosto de 2009)*

Seu Milton não foi o único a optar por tentar a vida nas cidades mais próximas das fazendas (Soure ou Salvaterra). Raimundo Alcântara Leal, ex-vaqueiro atualmente com 86 anos, também é outro exemplo de alguém que, pela família e educação dos filhos, resolve deixar sua vida no campo (trabalhava na fazenda São Lourenço) e estabelecer moradia na cidade. Este, juntamente com seus filhos, iniciou trabalhos de frete na orla de entrada da cidade de Soure há mais de 30 anos. Por este trabalho ficam conhecidos como “vaqueiro banjinho”.

Isto nos leva a refletir sobre um camponês que se desatreia do que parecia ser seu único espaço de atuação e encontra no desenvolver de um ofício na cidade (no caso o trabalho com frete) sua nova maneira de autossuficiência. Para tanto, pensar neste novo cenário de atuação, “a cidade”, é pensar no que Eric Wolf e Hobsbawn, por exemplo, inferem sobre um campesinato de múltiplas facetas, ou seja, não se pode falar de campesinato pensando numa relação exclusiva com o campo.

Nesse sentido, observo que a busca por outros horizontes que não tenham relação com o campo e nem com a lida com gado é cada vez mais comum tanto pelos próprios vaqueiros, quanto pelos seus filhos e familiares, que observam a lida diária desses homens. Estes, hoje,

vêm sua profissão cada vez menos reconhecida pelos patrões e, assim, as fazendas ficam cada vez mais vazias.

Esses homens que demonstram pouco ou nenhum interesse em herdar a profissão dos pais parecem ter um desejo do “muito longe”, aventureiro até, mas, sobretudo um desejo de “outras distâncias”, e continuando ali, entendem ser impossível alcançá-las por conta da “mata fechada”. Os jovens traçam outros planos, que não tenham relação com o campo. Sonham com outro estilo de vida e vêem ser impossível realizá-los se continuarem vinculados à terra. Talvez “mata fechada” seja entendida como uma barreira, impedindo a realização desses sonhos.

Isto acontece cada vez mais devido a diminuição das distâncias socioeconômicas entre a grande Ilha, a capital do Estado e a urbanização de certas cidades do Marajó, contribuindo assim, para o surgimento de outras opções de empregos. Hoje, insisto, muitos vaqueiros já não desejam ver os filhos na profissão que um dia desempenharam, ora por falta de talento, interesse, habilidade, ou até mesmo dom, ora por falta de opção, oportunidade ou escolaridade, segundo eles.



**Foto 02:** Raimundo Alcântara Leal, 82 anos, ex-vaqueiro. **Fonte:** Aline Viana, fevereiro de 2010.



**Foto 03:** Milton da Silva, 70 anos, ex-vaqueiro. **Fonte:** Aline Viana, agosto de 2009.

Com relação à obrigação dos vaqueiros, Vicente Salles destaca que: “além de cuidar do gado bovino e dos cavalos, os vaqueiros tinham ainda por obrigação construir casa e currais, caçar jacarés para tirar-lhe a banha, e matar os morcegos, que causavam grande dano ao gado”. (SALLES, 1988:129)

A opção por entrevistar alguns desses que são protagonistas do presente trabalho insere-se na tentativa de desvendar, através do relato de seus cotidianos, um universo repleto de possibilidades de se pensar e tentar reconhecer um pouco mais da influência socioeconômica e cultural desse sujeito da Ilha do Marajó. A partir do século XX, a tentativa

de conhecer um pouco mais da história deste arquipélago, não mais sob a ótica das elites e dos documentos oficiais, pode ser inserido como um “estudo de caso” no que a historiografia denominou como “História vista de baixo”, como afirma José D’Assunção Barros. (THOMPSON, 2001:185 apud BARROS, 2005:31)

Com base nisso, podemos inferir que essas contribuições historiográficas para a história do Brasil não possibilitam uma visão totalizada sobre a constituição camponesa na ilha. O que podemos afirmar é que essas contribuições, inclusive este trabalho, são peças que compõem “um mosaico de relações em torno da terra, do trabalho e da produção, envolvendo os mais variados sujeitos da ilha”. (SOARES, 2002:51)

### **O cotidiano de homens que se tornam vaqueiros**

Naquelas terras, o vaqueiro mora com a família na fazenda, no retiro ou próximo a um deles, onde pode criar animais de pequeno porte, como: galinha, pato, porco<sup>4</sup>. Alguns possuem até cavalos e búfalos, em pequena quantidade.

O vaqueiro do Marajó monta o cavalo marajoara<sup>5</sup>. Esse rebanho cavalares desenvolvera-se rapidamente ao ambiente marajoara, às terroadas<sup>6</sup>. Nos campos, sem a limitação de cercas, onde, muitas vezes, vê-se a linha do horizonte delimitando o céu e a pradaria, em chão admiravelmente plano, essa condição topográfica, personifica um convite ao galope. Claudio Mendonça Dias, ao escrever um artigo que compunha o número 27 da Revista SAGRINFORMA afirma que o desenvolvimento desse rebanho passou a exceder às necessidades locais de montaria e

*foi adquirindo a condição de animais selvagens que, ao fim de algum tempo, dispensavam os cuidados e situavam-se além do controle do homem. Assim, não mais os trabalhos do homem, mas a perpetuação da espécie, dominou o quadro de atividades do cavalo. (REVISTA SAGRINFORMA, 1982:08)*

---

<sup>4</sup> No que diz respeito à essa criação de animais, seu Fernando Martins, 73 anos, ex-vaqueiro da Tapera afirma que até a década de 1990, o leite era muito farto para os vaqueiros, devido o número grandioso de nelores (ou anelorradas). Gastava-se com o que fosse necessário (queijo, coalhada, ingestão com café e o resto, a maioria, ficava para os porcos, que eram criados soltos no campo. Era comum também, a duas ou três horas a cavalo da sede, encontrarem porcos correndo pelos campos, em busca de alimento. Comiam capim e a sua carne é bastante saborosa, garante seu Fernando. Além disso, diz que era a renda adicional do vaqueiro. Existiam vaqueiros com mais de cem animais desse tipo.

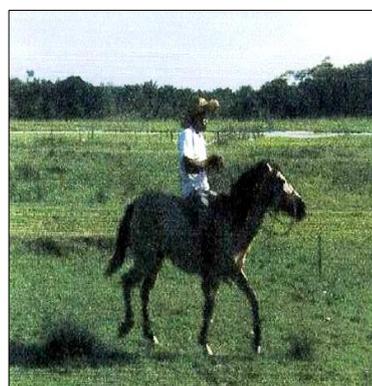
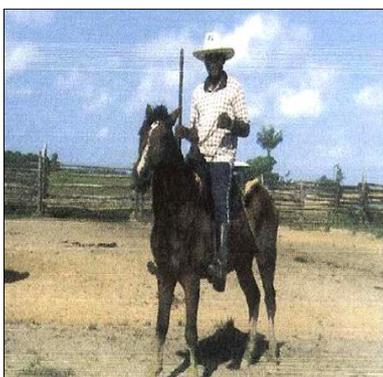
<sup>5</sup> Os cavalos foram introduzidos no Marajó, juntamente com o gado que veio de Cabo Verde sendo, possivelmente, de origem ibérica. Posteriormente, ocorreu a introdução de outras raças na Ilha, dando origem ao cavalo marajoara, um animal de estatura mediana, resistente, rústico, corredor e bom para montaria. Para saber mais, ver REVISTA SAGRINFORMA. *O Cavalo Marajoara. Condicionamentos históricos e ecológicos*. Ano VI – Nº 27. Governo do Estado do Pará. Secretaria de Estado de Agricultura. Outubro, 1982, p.10.

<sup>6</sup> Torrão de terra endurecida pelo sol, formado nos campos de solos argilosos que amolecem com a chuva e formam buracos com o pisoteio do gado, deixando o terreno acidentado e dificultando o deslocamento.

O uso do búfalo também é bem frequente, mas nas atividades diárias o cavalo predomina. Dentre as principais características da excelente adaptação de búfalos aos campos do Marajó, sem dúvida é o fato de serem excelentes animais de tração. Pude constatar por ter sido um assunto muito recorrente nas conversas com todos os vaqueiros que conheci nesses meses em campo. A opinião é sempre a mesma quanto a sua capacidade para puxar carga.

Perguntado sobre os animais em geral, seu Erandir afirma que os búfalos geralmente são mais “*inteligentes*” que os bovinos. Mas e quando são provocados? (pergunto eu) “Hummm..., eles ficu furioso e muito pirigoso. Uma rês quando é bem insinada, quando o vaquero é bom memo, obedéci im tudo”.

Observei que, o cavalo para ser montado deve ser bem arreado, com sela firme, esteira de junco sobre a sela, cilha (que prende a sela ao cavalo) bem amarrada, cabeçada ajustada, estribo na altura correta. Destaco, diferentemente do que José Oliveira afirmou, que o vaqueiro “não se interessa pelo apuro do arreamento e não tem nenhum amor ao cavalo” (OLIVEIRA, 1967 apud MIRANDA NETO, 2005:75). Noto que o “saber arrear” define, inclusive, a qualidade deste profissional. E este ato muito diz sobre a relação vaqueiro-animal, que protagoniza este estudo.

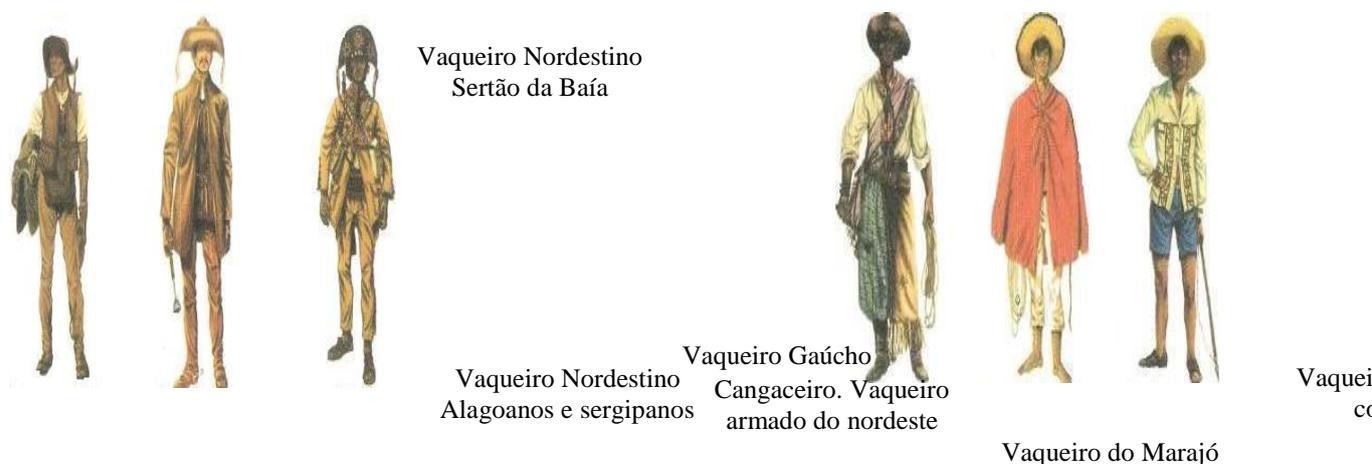


**Fotos 04 e 05:** Vaqueiros montados em cavalo com sela e “no osso”. **Fonte:** BOULHOSA, 2007: 86.

Montado em um cavalo bem arreado, o vaqueiro marajoara, hoje, possui vestimenta simples: camiseta ou camisa, calça de malha, jeans ou de outro tecido que lhe permita mobilidade. Além do chapéu de palha com abas para proteger de sol e chuva, o boné também é muito utilizado. Monta muitas vezes descalço, com apenas alguns dedos no estribo. No inverno, principalmente, alguns usam botas de borracha, tipo *sete léguas*, por conta dos atoleiros no campo e no curral. Outro elemento a se destacar na caracterização deste

profissional dos campos é sua faca, que só tira pra dormir. *Vaqueiro tem que usa faca!*, segundo seu Félix, ex-vaqueiro da fazenda Santo Antônio da Gelylândia, em Soure.

Podemos afirmar que a forma particular com que o vaqueiro do Marajó se apresenta é/foi influenciada também pelas questões climáticas e ecológicas da Ilha. Se comparado aos vaqueiros nordestinos e sulistas, nota-se que ele não possui no traje “certa teatralidade semelhante ao do vaqueiro nordestino e do vaqueiro gaúcho”, como afirma Nunes Pereira. (NUNES PEREIRA,1956:50)



**Figura 06:** Os vaqueiros nordestino, sulista e marajoara, na pintura de José Lanzellotti (1972) No nordeste há prevalência do couro curtido, dos pés a cabeça. No sul as mantas, as boleadeiras e o laço. No Marajó, trajes simples e leves, facilitando assim o movimento e a transpiração no clima quente e úmido da região. **Fonte:** Governo do Estado de São Paulo, 1972: 54.

Segundo Steiner (STEINER, 2004:66), independente das particularidades e mudanças, todos são vaqueiros. Suas vidas e profissões estão relacionadas diretamente com o trato do gado nos campos, ora secos, ora alagados do Marajó, seja nos campos cerrados do sertão nordestino, seja nos campos altos do sul do Brasil. Todos são vaqueiros, e esta é a identidade que prevalece, uma identidade dada pela profissão.

A “profissão vaqueiro” é o fator constituinte de sua identidade, edificada a partir da relação com o espaço de trabalho, associada também aos campos, ao gado, aos currais, às fazendas e a uma teia de relacionamentos estabelecidos em seu cotidiano que não podem deixar de ser lembrados.

É preciso deixar claro que identidade, a partir do conceito de Castells, “é o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o (os) qual (is) prevalece (m) sobre outras fontes de

significado” (CASTELLS, 1999:25). Aqui, sobressai o “ser vaqueiro” como identidade. É ela (a profissão) que eles usam para se identificar, na esfera pessoal, singular e também coletiva. No que diz respeito à identificação pessoal, ele apresenta atributos que particularizam, ou seja, o diferencia dos demais. No nível social, existe a interação com a sociedade ao qual faz parte. “É onde a identidade se edifica e se consolida, mas também se transforma”. (GOFFMAN, 1963 apud OLIVEIRA, 1976:36)

A identidade constitui a representação que um indivíduo tem de si mesmo e em face do outro; ela é uma construção simbólica, como destaca Ortiz. (ORTIZ, 1994:47)

Partindo do princípio que toda identidade é construída (CASTELLS, 1999:70), Castells aponta que o construtor são os determinantes do conteúdo representativo e seu significado para aqueles que se identificam ou se excluem, ou seja, faz referência à dimensão simbólica. É importante destacar que não existe uma identidade autêntica, mas sim uma pluralidade de identidades. Ela é construída por diversos grupos sociais, em diferentes momentos históricos, onde os processos de formação e manutenção são dados pela estrutura social, que fará com que determinados elementos identitários sobreponham-se a outros.

Dentre as variadas entrevistas que realizei, ao fazer a pergunta “quem o senhor é?” A resposta era sempre a mesma, de maneira bastante objetiva: “sou vaqueiro!”. A partir daí, já que eles se identificam como tal, penso haver a existência de uma autodenominação, característica fundamental para a definição de identidade.

No “Marajó dos Campos”<sup>7</sup> (PACHECO, 2006:23) é o “ser vaqueiro” que demarca os limites da identidade destes camponeses. Esta é erigida a partir de suas profissões, que surgiu a partir dos desdobramentos socioeconômicos da Ilha, assim como sua relação com o ambiente, pois fora a partir da pecuária que despontou a figura dos vaqueiros no cenário marajoara.

Dito isto, chamo a atenção que a ideia nuclear deste trabalho não está pautada nessa discussão. Ela é aqui apresentada apenas para auxiliar na construção da concepção de que “identidades individuais e coletivas têm forte suporte na memória”. (DELGADO, 2010:09)

Falar destes camponeses implica no pensar em “dois tempos”. O tempo dos velhos: seu Iranda e seu Fernando da Tapera, seu Félix da Santo Antônio, seu Diquinho da Ritlândia, seu Juvêncio, seu Milton, seu Elizeu..., e nos mais novos, como Carlos Amaral, Edinaldo, Ernani

---

<sup>7</sup> Agenor Sarraf Pacheco entende uma pluralidade nesta ilha, por isso inaugura os termos Marajó dos Campos e Marajó das Florestas.

Filho, Raimundo Filho, Fabrício e Fábio Gonçalves, que aprenderam o ofício da vaqueirice muito cedo nas visitas aos currais, nas cavalgadas nas garupas, no passar do curral para o lombo dos cavalos, nas brincadeiras de montar bezerro, nos ensaios de laçar em troncos de árvores, nas estacas do curral, onde são desenvolvidas as habilidades de um bom vaqueiro.

Certa manhã conversei com seu Eliseu da Silva (ex-vaqueiro da São Lourenço, 68 anos), na orla da cidade de Soure. Ele fazia sua caminhada em busca da compra de peixe, e enquanto isso relatava sua “fama” como grande “vaqueiro-queijeiro” que foi. Na caminhada na orla, observo que vez ou outra ele parava, calava e olhava pro horizonte a perder de vista, horizonte esse que segui e me levou em direção à curva do rio Paracauari, aos campos onde muito tempo viveu... Naquele momento eu o deixava. Talvez fossem as lembranças que estariam vindo à tona e eu estava ali, pronta pra ouvi-lo.

Num desses intervalos silenciosos que duravam segundos, recordei das leituras feitas de Dalcídio Jurandir, um autor que muito me familiarizou àquela Ilha. Em sua obra “Marajó” há uma passagem que fala de seu Néelson, um personagem que era fazendeiro e numa caminhada com seu sobrinho Missunga, este “retrata” a impressão que tem do tio naquele momento enquanto caminhavam. Interpreta o silêncio daquele homem como “uma defumação do próprio pensamento que guardava, como uma urna funerária, as cinzas do antigo tempo”. Seu Néelson talvez tenha sido pensado por ter sido uma pessoa no qual o autor conheceu ou ouviu falar, uma experiência vivida e/ou recontada. (JURANDIR, 2008:64)

Isso configura grande importância ao pensar que para entender o vaqueiro de hoje, era impossível não ouvir os vaqueiros que ontem estavam no campo, como protagonistas anônimos na construção da história da pecuária da Ilha. Para tanto, a fim de somar ao meu estudo, percebo em Ecléa Bosi uma importante contribuição ao afirmar que “a memória dos velhos desdobra e alarga de tal maneira os horizontes da cultura que faz crescer junto com ela o pesquisador e a sociedade em que se insere.” (BOSI, 2003:64)

Nesse momento, julgo de grande valor para o engrandecimento deste trabalho já que pude ouvir e etnografar, da forma mais fiel possível, alguns acontecimentos que foram importantes nas suas trajetórias profissionais e de vida, assim como sinalizar algumas mudanças também, esclarecer e/ou destacar como a memória tem na oralidade seu principal motor. Face a isto, observo que não fora em vão ouvir esses velhos e suas histórias na vaqueirice.

*Quando as vozes das testemunhas se dispersam, se apagam, nós ficamos sem guia para percorrer os caminhos na nossa história mais recente: quem nos conduzirá em suas bifurcações e atalhos? Fica-nos a história oficial: em vez da envolvente trama tecida à nossa frente, só nos resta virar a página de um livro, unívoco testemunho do passado. (BOSI, 2003:200)*

### **De Luis Andrônico a Ernani Vasconcelos Filho: cinco gerações dedicadas à vaquerice nos campos marajoaras**

Ao chegarmos à fazenda São Lourenço à tarde, nos acomodamos na casa do feitor Manuel Augusto Leal Filho, o seu Nico. Com uma caneca de café nas mãos, seu Iranda se dirigiu à escada, de frente à enorme extensão de terra que perdíamos de vista o fim, sentou na escada e ficou olhando aqueles campos sem dizer uma palavra. Ao observar a cena, senti ao seu lado e um tempo depois perguntei: *Seu Iranda, o que as fazendas e os campos representam pro Senhor?* Seu Erandir me olhou, pôs-se em pé, tomou um gole de café e voltou a fitar àquelas terras, como se visse algo muito além, acima talvez do seu próprio entendimento. E me respondeu: *isso é a minha vida. A vida da minha família!*

Seu Iranda relatou que o avô foi vaqueiro na fazenda Tapera, assim como Roque Vasconcelos, seu pai. Ele, que durante toda a sua vida profissional trabalhou em um só lugar: a fazenda Tapera, onde nasceu e se criou. Depois seu filho Ernani, que também nasce lá. As quatro gerações viveram momentos extremamente importantes pra história daquela fazenda. Com exceção de Ernani, todos foram feitores da fazenda.

Segundo Dita Acatauassú Nunes, ex-proprietária da fazenda Tapera, ao chegar no Marajó em 1934, a Tapera era uma fazenda muito grande, pertencente ao seu sogro, neto do Barão de Igarapé-Mirim, Domingos Acatauassú Nunes. Nesse momento, Andrônico já estava na fazenda e Roque já tinha 22 anos. “Vim para o Marajó com semanas de casada, o Luís Andrônico já estava na Tapera e o Roque já era nascido. O Roque nunca saiu da Tapera, já está aposentado, mas ainda monta, vai pro campo”... (ACATAUASSÚ, 1998:13)

Luís Andrônico de Vasconcelos, segundo Dita Acatauassú e seu Iranda, passou mais de cinquenta anos na Tapera. Aos sessenta e cinco anos de idade, casado e com 24 filhos, o doutor Domingos, como era chamado pelos vaqueiros, lhe doou aproximadamente 300 reses e terra para que gozasse de forma tranquila sua velhice. Apesar dessa iniciativa, o vaqueiro parecia não ter tino para administração e/ou por opção, vendeu tudo e comprou uma casa em Soure.

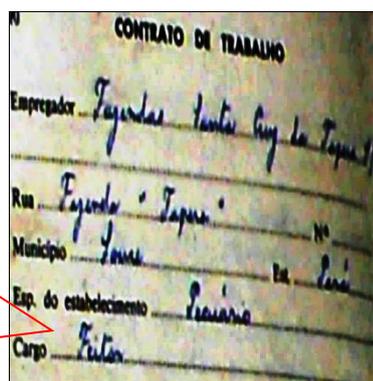
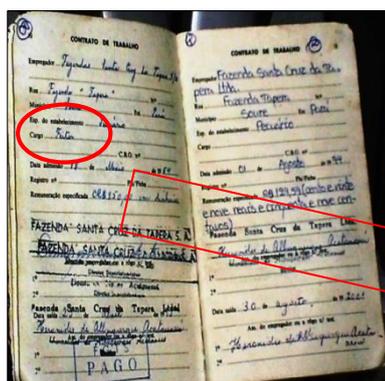
Aposentado, foi morar em Soure. Em condição enferma, foi levado com sua esposa Perciliana Maciel Vasconcelos, pelos ex-patrões para novamente residirem na fazenda

Tapera, onde morou com o filho Roque e sua segunda esposa, dona Helena Vasconcelos, que cuidou dos sogros. Ela afirma que ele faleceu bem idoso, com mais de noventa anos de idade.

Seguindo a profissão do avô e do pai, seu Erandir Vasconcelos também foi feitor, em virtude da sua herança familiar e da confiança dos patrões adquirida com o tempo. Trabalhou aproximadamente cinquenta e quatro anos na Tapera e somente após a aposentadoria foi residir com sua família na cidade de Soure. Hoje, sem vínculo a qualquer fazenda, fala saudoso de seu tempo de vaqueiro na grandiosa fazenda Santa Cruz da Tapera.

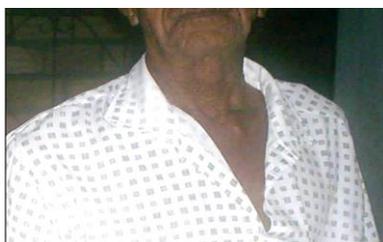
*Eu nasci lá na fazenda lá e comecei a sê vaquero cum quatoze ano. Trabalhei cinquenta e quato ano e poco. O dono era o seu Duminguinho e dona Dita Acatauassú. Era tempo bom aquele! Dispôs eu mi apusentei, ela vendeu a fazenda e eu vim morá aqui pra Sore. Ahh, mas no meu tempo e do papai a Tapera era grandi, tinha muito vaquero, uns cem morando, mas agora ta abandonada. Quando eu vô lá, a senhora credita, que quando eu deço do cavalo, que eu olho, que eu olho, eu num quero, mas as lágrima desce assim do solho. (Erandir Vasconcelos, no confronto de suas lembranças passadas e atuais da fazenda Tapera).*

**Foto 05:** Erandir Maciel Vasconcelos, neto de Luís Andrônico. **Fonte:** Aline Viana, fevereiro de 2009.



**Fotos 06 e 07:** Carteira Profissional de Trabalhador Rural de Erandir Maciel Vasconcelos. Destaque ao detalhe do cargo: feitor. Em outras carteiras, aparece também feitor-vaqueiro. **Fonte:** Aline Viana, fevereiro de 2009.

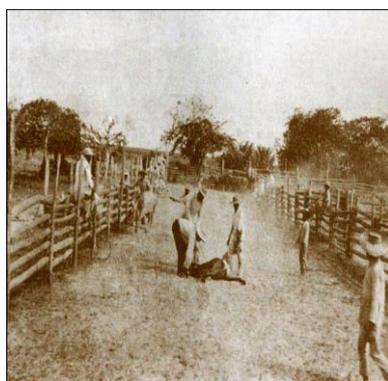
Seu grande disposição



Erandir apresenta boa saúde ainda e para o trabalho. Aos 70 anos, não se

tornou ocioso e hoje trabalha com limpeza e manutenção de alguns quintais vizinhos ao seu, além de sempre ser chamado para auxiliar nos trabalhos de ferra e vacinação.

O trabalho de ferra identifica os animais com a marca de propriedade do dono. Ela é feita de três formas: a marca (feita com a queima do couro do animal com ferro em brasa); o sinal (feito por entalhes à faca na orelha do animal); e o brinco (fixação de um brinco de plástico com numeração, sem precisar cortar o animal). Esse trabalho, dependendo da fazenda por conta do número de cabeças, leva vários meses e exige a força de muitos vaqueiros.



**Foto 08:** Serviço da ferra do gado como era feito antigamente. **Fonte:** ACATAUASSÚ, 1998: 79.

Nas fazendas da família Acatauassú, além da ferra, seu Erandir também auxilia na vacinação, prática constante para a manutenção da saúde do animal.

Ao perguntar sobre as idas aos campos, mesmo que em menor quantidade na atualidade, seu Iranda diz que apesar de morar em Soure sente a necessidade de visitar aquele lugar que durante boa parte de sua vida “foi seu”. Ainda sente familiaridade, mas não como naquela época. Volta ao campo no intuito de desempenhar algum trabalho: vacinação, ferra e/ou apartação, etc., mas também transpareceu a necessidade de realimentar seus sentidos, sentimentos e sua memória, com todas àquelas características que constituem os campos, no qual atribui grande valor sentimental. Em outras palavras, seu relato de ida às fazendas, após fixar moradia em Soure, transpareceu um reencontro consigo mesmo, algo uma necessidade para que conseguir viver bem.

A dedicação a esta profissão ainda continua na família Vasconcelos. Os dois filhos homens de seu Iranda, Ernani e Erandir Vasconcelos Filho, vaqueiro desde os dezesseis, mantiveram-se na profissão que foi do bisavô, do avô e do pai. Eles iniciaram suas vidas profissionais na fazenda Tapera, mas ela foi vendida e eles foram trabalhar em outras

fazendas, mantendo a tradição familiar destacada sobretudo pela responsabilidade, confiança adquirida dos patrões e suas habilidades profissionais.

Portanto, a família Vasconcelos ainda possui representatividade no que diz respeito à profissão vaqueira. A quinta geração é formada pelos netos de seu Erandir: Ernani Vasconcelos Filho, Raimundo Carlos Filho, Fabrício e Fábio Vasconcelos Gonçalves. Eles aprenderam a profissão com os pais nos campos marajoaras e desempenham a função em fazendas em Salvaterra e próximas à Chaves, outros municípios do arquipélago.

### **Prova de fogo: Pai e Filho na Cabeça**

Em outubro de 1982 ocorreu a 1ª Prova de Resistência do Cavalo Marajoara, como uma das formas de incentivo à profissão vaqueira. Foram 130 quilômetros entre os municípios de Soure e Cachoeira do Arari, enfrentando igarapés, aterros e alagados. É importante destacar as afirmações de Cláudio Mendonça Dias, quando afirma que:

*o cavalo marajoara é, antes de tudo, essencialmente um rústico. [...] não é, portanto, o animal apenas oriundo do Arquipélago de Marajó. É, isso sim, um ecótipo, pertencente a um grupo étnico definido que através [de] seleção natural, mais do que induzida pelo homem, adquiriu a condição de viver e proliferar no ambiente oferecido pelas várzeas do estuário, baixo e médio Amazonas. Enquadram-se, assim, como autênticos cavalos de raça, marajoara – e com destaque especial – os cavalos procedentes das regiões varzeanas do baixo e médio Amazonas que se estruturaram em seleção natural idêntica à que preponderou em Marajó. (SAGRINFORMA, 1982:13)*

Erandir e Ernani Vasconcelos, pai e filho, descendentes de família vaqueira, iniciada com Luis Andrônico Vasconcelos, há cinco gerações, na Fazenda Santa Cruz da Tapera, foram os vencedores do desafio. Na época, a fazendeira Dita Acatauassú, esposa de um dos donos da fazenda, declarou:

*O meu maior orgulho não foi somente a chegada em primeiro e segundo lugares, foi o conceito que os organizadores do certame têm dos dois. Disseram que eles foram os que lideraram, que ajudaram e que são bem educados. Então isto me encheu de orgulho porque eu vi eles nascerem, estes como os irmãos deles, como este garotinho. (SAGRINFORMA, 1982:13)*

Ernani e seu Irlanda ainda lembram esse dia com detalhes:

*A saída foi dada num galope. Depois que atravessamos uma ponte, viemos à passo e, cum cinco minuto, o pessoal começo a corrê e aí eu saí mais atrás. Demo um galope pra vê se aproximava mas. Aí galopava, parava, andava um pouco, daí a um instante agente tornava a galopá. O pessoal cada vez mais na frente, tudo afobado! E nós se agüentando. Eu sempre dizia que não acreditasse que um cavalo que sai de Cachuera chegasse na fazenda Três Irmãos só numa velocidade, porque eu, como vaquero, com a minha idade, não acreditava numa violência dessa. Sempre dizia*

*pros meu cumpanhero o seguinte: ninguém se afoba, que tem muita distância. Aí eu vinha caminhando, cheguei na fazenda Curuxis, tomei uma água, dei o número da minha camisa e saí. Antes de chegar na fazenda Santa Terezinha eu consegui tomar a frente do pessoal; depois que eu tomei a frente eu parei de correr e pensei: bom, daqui pra frente eu já garanto tudo, já conheço o terreno e conheço o meu animal. Foi o que fiz.*

*Quando cheguei na fazenda Ritlândia, eu tomei um copo d'água e distanciei bastante do pessoal. Quando passei na fazenda Santo Antônio, estavam distante de mim e aí disse: bom, serei o primeiro a chegar na fazenda Três Irmãos. Era o lugar do pernoite. E eu olhei pra trás e enxerguei o vaqueiro filho que vinha – bom, era o filho e eu vou esperar. Mesmo o cavalo dele é cumpanhero do meu, só dum lote, mesmo aí o cavalo dele começou a rinchá pra procurar o companheiro e eu esperei – Eu ganhando a parrelha do meu filho, os cavalos são cumpanheiros, aí eu tenho mais vantagem prá chegar. Os dois juntos ajudaram porque, o animal sendo companheiro eles ando certo, eles comem certo, onde um come, come o outro. Então numa viagem dessa o animal anda com vontade porque o companheiro está acompanhando. Por sinal, o meu animal e o do Ernani não tinha sinal de muxinga<sup>8</sup> nenhuma, na chegada. Quando chegou foi faltando dez prá quatro, aí eu incustei na fazenda Três Irmãos.*

*Teve gente que num chegou nem na metade da viagem, que é uma viagem longa. A gente bebia água onde tinha, nas casa, comida também num tinha e mesmo agente não podia cumê. Podia pará, mas aí tinha problema, se atrasava, porque o que vai na frente fica com mais vantagem e quem tá mais atrás nunca pega. Foi o caso meu com o Ernani, eu saí meia hora de diferença, ninguém me pegô mais. Eu cheguei primeiro e dentro de uma hora de diferença aí é que não pega mais, então é por isso que ninguém pára. Só mesmo no ponto, onde tem que pará. Na saída, o Seu Domingos falou prá mim não me afobá nem afobá o animal, ia acontecer o que aconteceu com os outros que não chegaram e eu, sabendo disso, não afobei nada, esperei a minha hora. Então foi o caso que quando perguntaram como é o nome do seu cavalo eu disse: “Deixa Comigo”. Eu dizendo isso, eu disse tudo (iniciou uma grande risada).<sup>9</sup>*

Ernani ainda relata o porquê de seu segundo lugar:

*Dificuldade eu encontrei foi realmente que o meu cavalo tava um pouco sentido, chegou pondo um pouco de sangue da mão direita, muito atterrado, mas eu tinha certeza que ele era o vencedor da partida. Eu saí na frente, mas realmente ele é meu pai e dei a vez pra ele, fiquei prá trás. Teve gente que ficô, no meio do caminho voltaram logo.<sup>10</sup>*

Diante dessas narrativas, percebemos que os dois vaqueiros falam de um tempo recordado a partir de suas memórias. Elas subentendem um misto de sentimentos e sensações provocadas pela lembrança de uma época, a “lembrança do que já foi”. Saudade, euforia, orgulho, tristeza pelos companheiros não tê-los escutado para que fizessem uma melhor corrida, enfim, uma gama de atributos que os ajudam no processo de rememoração deste dia em que dois homens simples foram recebidos de forma ovacionada pelo público expectador, podendo contribuir, dentre outras coisas, na tentativa de incentivar a geração de jovens da

<sup>8</sup> Chicote utilizado para que o animal adquira mais velocidade.

<sup>9</sup> Entrevista com Erandir e Ernani Vasconcelos, 70 e 40 anos. Soure, agosto de 2009.

<sup>10</sup> Ernani Vasconcelos, vaqueiro, depoimento citado. Fevereiro de 2009.

década de 1980 a estabelecerem contato mais próximo com a terra, o animal e ao que de fato se relacione com a profissão.

### **Considerações Finais**

Compreender o universo que envolve a vida desses homens que se tornam vaqueiros na Ilha do Marajó exigiu, concomitantemente, conhecer aspectos históricos, culturais, políticos e econômicos que estiveram presentes no processo de “tornar-se vaqueiro”. Mais do que isso, foi necessário compreender essas pessoas, seus relacionamentos, valores e o que significa ser vaqueiro para esses atores sociais.

Estudar o conjunto de práticas que objetivam alçar o modo de vida camponês, em questão o vaqueiro do Marajó, sem esquecer que tais práticas são permeadas pelo universo simbólico dos sujeitos, pelas categorias e regras mediante as quais pensam e vivem sua existência. As percepções e ações dos sujeitos estão inscritas nas condições sociais e historicamente situadas e “funcionam” em um nível mais profundo do que a realidade passível de apreensão imediata – era preciso dar luz às práticas, imersas em seus cotidianos.

Escrever sobre o vaqueiro dos campos de Soure, na Ilha do Marajó, significa, portanto não só o “esforço braçal” para inserir a vida destes atores sociais que configuram, de maneira geral, um campesinato específico na Amazônia, mas também a possibilidade de contribuir para o universo científico ao tratar da cultura e vivências dessas gentes do Marajó, sob uma perspectiva Amazônica.

### **Referências bibliográficas**

- ACATAUASSÚ, Dita. A mulher que eu sou. Belém: Cejup, 1998.
- BARROS, José D'Assunção. O Projeto de Pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- BOSI, Ecléa. Memória da cidade: *lembranças paulistanas*. Estudos Avançados 17(47), 2003.
- BOULHOSA, Marinete da Silva. Entre a sela e o santo: um estudo sobre a identidade do vaqueiro marajoara. Dissertação de Mestrado. PPGCS-UFPA. 2007.
- CARVALHO, José Murilo. Apud CHEVITARESE, André Leonardo. “Abertura dos trabalhos”. In: *O Campesinato na História*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2002.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. 3ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História Oral – memória, tempo, identidades*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

- HOBSBAWN, Eric J. *Pessoas Extraordinárias: resistência, rebelião e jazz*. Trad. Irene de Hirsch, Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- JURANDIR, Dalcídio. (1947). *Marajó*. 4. ed. Belém: EdUFPA; Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2008.
- MIRANDA NETO, Manoel José de. *Marajó: desafio da Amazônia, aspectos da reação a modelos exógenos de desenvolvimento. – rev. e atual. –* Belém: EDUFPA, 2005.
- MORAES, Cleodir da Conceição. *Outras histórias da escravidão: escravos forros e livres na Ilha do Marajó (1820-1823)*. Especialização. UFPA, 2001.
- OLIVEIRA, José Lopes de. *Marajó*. In: *Grande Enciclopédia da Amazônia*. Belém: Amazônia Editora, 1967.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Pioneira, 1976.
- ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- PACHECO, Agenor Sarraf. *À margem dos “Marajós”: Cotidiano, Memórias e Imagens da “Cidade-Floresta” – Melgaço-Pa*. Belém: Paka-Tatu, 2006.
- SALLES, Vicente. *O negro no Pará: sob o regime de escravidão*. 2ª edição. Brasília: Ministério da Cultura; Belém: Secretaria do Estado da Cultura; Fundação Cultural do Pará “Tancredo Neves”, 1988.
- SOARES, Eliane Cristina Lopes. *Roceiros e “Vaqueiros” na Ilha Grande de Joanes no Período Colonial*. Dissertação de mestrado. NAEA-UFPA, 2002.
- STEINER, Rodolfo. *Ilha de Marajó na visita de Jorge Amado. Memórias*. Gráfica Smith. Belém, 2004.
- THOMPSON, E. P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Ed. Unicamp, 2001.
- WOLF, Eric. *As guerras camponesas do século XX*. São Paulo: Global, 1984.